REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V1 – N1– 2023

AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A LACTAÇÃO E O DESMAME PRECOCE

SELF-MEDICATION DURING LACTATION AND EARLY WEANING

Ana Maria Ribeiro Santana
Bacharel em Farmácia pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFA- UNIPAC, Almenara - Minas Gerais
E-mail: anamariaribeiro225@gmail.com

Leandro Sousa Bomfim
Bacharel em Farmácia pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFA- UNIPAC, Almenara - Minas Gerais
E-mail: leovinho@live.com

Viviane Amaral Toledo Coelho
Bióloga pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Especialista em Solos e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Lavras; Mestre e Doutora em Ciência do Solo pela Universidade Federal de Lavras.
Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFA-UNIPAC, Almenara - Minas Gerais.
E-mail: vivianeatc@yahoo.com.br

Carla Giselly de Souza
Zootecnista pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Mestre em Produção Animal pela Universidade Júlio de Mesquita Filho-UNESP; Doutora em Nutrição de Ruminantes pela Universidade Federal da Paraíba;

REVISTA SAÚDE DOS VALES

Pesquisadora na Universidade Católica do Porto- Portugal
E-mail: carlaxlsouza@yahoo.com.br

Ane Maria Brant Alves Rêgo
Graduada em Fisioterapia – FCMMG (Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais)
Pós-Graduação -Fisioterapia em Ortopedia e Traumatologia- UGF (Universidade Gama Filho)
Pós-Graduação -Fisioterapia em UTI adulto e neonatal - UniFG (Faculdade Guanambi)
Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFA-UNIPAC, Almenara - Minas Gerais.
E-mail: anebrant@hotmail.com

Leonardo Henrique Guimarães Reis
Graduado em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Ouro Preto;
Pós-Graduado em MBA Gestão em Pessoas pela Universidade do Noroeste do Paraná.
Docente da Faculdade de Almenara - ALFA de Almenara - Minas Gerais.
E-mail: leonardo.almenara@hotmail.com

Recebimento 11/02/2023 Aceite 06/05/2023

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi o de analisar e compreender os fatores que contribuem para a automedicação em mulheres no período da lactação associado ao desmame precoce. O presenteartigo trata-se revisão de literatura, elaborada com informações obtidas nas bases de dados eletrônicos como o Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), além de artigos e dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS). O critério cronológico utilizado para as buscas foi de estudos do período de 2016 à 2021, em língua portuguesa. Os estudos enfatizam que a maior

probabilidade de uso de medicamentos com risco de efeitos adversos sobre o lactente ou lactação, quando usados por automedicação, alerta para a necessidade de orientação sobre a forma adequada de sua prática e também sobreo uso e riscos dos medicamentos para a saúde da mulher e da criança e para a lactação, associado ao desmame precoce da amamentação exclusiva. A elevada frequência de automedicação entre as lactantees e o uso de medicamentos com risco de efeitos indesejáveis sobre o lactente e na produção láctea revelam a necessidade de melhor orientação sobre os riscos da automedicação pelas lactantees possibilitando uma melhor qualidade de vida ao bebe nos primeiros meses de sua existência.

Palavras-chave: Aleitamento Materno. Automedicação. Desmame precoce.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze and understand the factors that contribute to self-medication in women during the lactation period associated with early weaning. This article is a literature review, prepared with information obtained from electronic databases such as Google Scholar and Scientific Electronic Library Online (SCIELO), in addition to articles and data published by the World Health Organization (WHO) and the Ministry of Health. (MS). The chronological criterion used for the searches was studies from 2016 to 2021, in Portuguese. The studies emphasize that the greater probability of using drugs with risk of adverse effects on the infant or lactation, when used by self-medication, alerts to the need for guidance on the proper form of its practice and also on the use and risks of drugs for the health of women and children and for lactation, associated with early weaning from exclusive breastfeeding. The high frequency of self-medication among nursing mothers and the use of drugs with risk of undesirable effects on the infant and on milk production reveal the need for better guidance on the risks of self-medication by nursing mothers, enabling a better quality of life for the baby in the first months of life. its existence.

Keywords: Breastfeeding. Self-medication. Early weaning.

REVISTA SAÚDE DOS VALES

INTRODUÇÃO

A maternidade é o momento esperado e desejado por muitas mulheres, um momento em que se deve ter cuidado tanto com a saúde da mãe, como com a do bebê. O vínculo criado durante a gestação se estende pela vida, e é ainda mais estreitado durante o momento da amamentação. É sabido que, tudo o que é consumido e utilizado pela mãe nessas duas fases tão próximas vão causar reaçõesno bebê, devido a troca de fluidos entre os dois corpos. A amamentação pode ser definida como o ato de alimentar o bebê com o leite materno através de um contato direto com o seio da mãe, fonte do alimento, um ato simples, mas primordial para a saúde do bebê (CHAVES, 2017).

De acordo com a legislação brasileira, as mulheres tem o direito de amentarem seus filhos. Nessa perspectiva a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) preconizam o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de idade e a partir dessa idade, até os dois anos associado a introdução gradativa de novos alimentos (HERNANDES, 2018).

A amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida do bebê é essencial e necessária ao desenvolvimento da criança, proporcionando efeitos que perdurarão por toda vida. De acordo o ministério da saúde, o AM é capaz de reduzir em até 13% a mortalidade infantil, em crianças de até cinco anos de idade. Sendo também fundamental para redução de casos de diarreia, infecções respiratórias, alergias, diabetes, hipertensão, colesterol alto, obesidade e aumento do desenvolvimento cognitivo (VICTORA *et al*., 2016).

Muito se discute sobre os benefícios da amamentação, no entanto a sua contaminação por substâncias inapropriadas ingeridas pela mãe, pode comprometer a qualidade primária do leite e trazer riscos ao bebê e para a mãe. Como em casos da utilização de medicamentos sem a orientação de um profissional de saúde capacitado para a finalidade desejada (HERNANDES, 2018).

A automedicação pode ser definida como o ato de ingerir insumos medicinais com o objetivo voltado para o tratamento de alguma doença ou sintoma, a fim da promoção da saúde por conta própria, sem o auxílio da orientação e prescrição de um profissional da saúde. Essa situação trata-se de um fenômeno amplamente conhecido e presente em

diversas populações. Se tornando tese de discussões em pautas de cuidado à saúde (SANTOS *et al.*, 2016). Além disso, a associação entre a complexidade farmacológica dos medicamentos utilizados e a carência de informações, permite e facilita o uso incorreto de medicações pela mãe no período de lactação, o que reforça a preocupação diante de um consequente desmame precoce (SANTOS *et al*., 2016). Associado a isso, o MS disponibiliza orientações sobre medicamentos associados ao AM, identificando os fármacos segundo a categoria de risco: uso compatível com a amamentação; uso criterioso durante a amamentação; e contraindicado durante a amamentação (HERNANDES, 2018).

Diante do exposto, inúmeros fatores podem colaborar para este desmame precoce. Dentre eles, pode-se citar: falta de conhecimento das mães sobre os benefícios e a importância

do AM, profissionais de saúde despreparados para a orientação, políticas públicas fragilizadas na promoção do aleitamento, atuação cada vez mais frequente da mulher no mercado de trabalho, falta de estímulo ao bebê, diminuição da produção e da liberação do leite materno, menor capacidade nutricional do leite, problemas físicos nas mamas e o uso de medicamentos durante a lactação (HERNANDES, 2018).

Deste modo, o presente trabalho torna-se relevante por descrever a seriedade e perigos associados à automedicação, com ênfase no período de amamentação. Verificando as especificidades e necessidades de saúde das mães lactantes, na tentativa de auxiliar no tratamento médico e obter benefícios da farmacoterapia, reduzindo os riscos causados pelo mau uso dos medicamentos e falta de informação. Diante disso, o objetivo desse trabalho foi o de analisar e compreender os fatores que contribuem para a automedicação em mulheres no período da lactação associado ao desmame precoce.

METODOLOGIA

A elaboração deste trabalho foi executada através de uma pesquisa extensa e detalhada sobre o tema automedicação durante a lactação e o desmame precoce em bases de dados eletrônicos, foram selecionados artigos científicos da língua portuguesa que abordam de

forma direta ou indireta a temática sugerida. Os crit+erios de bosca foram baseados em, quais os riscos da automedicação durante a lactação que desencadeia ao desmame precoce?

A pesquisa foi elaborada com informações obtidas em base de dados eletrônicos como o Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), além de documentos, artigos e dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS). O critério cronológico utilizado para as buscas foi de estudos do período de 2016 à 2021, e os descritores utilizados na busca dos artigos foram: “amamentação”, “medicamentos”, “automedicação”, “lactação” e “efeitos adversos”.

REVISÃO DE LITERATURA

Automedicação

A automedicação é uma prática amplamente difundida não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Pode-se conceituar a automedicação como uso de medicamentos sem prescrição médica, no qual o próprio paciente escolhe qual fármaco utilizar. Abrange nessa denominação genérica a prescrição (ou orientação) de medicamentos por pessoas não qualificadas, como balconistas da farmácia, familiares e amigos (ALVES; COELHO, 2021).

Vale ressaltar, outra prática utilizada com frequência, é a “automedicação orientada”, ou seja, refere-se ao reaproveitamento de receitas antigas sem que elas tenham sido expedidas para uso contínuo. Diante disso, com sistema de saúde sem estrutura, a primeira alternativa que os pacientes procuram para resolver um problema de saúde é a frequente ida à farmácia, o que representa que grande parte dos medicamentos consumidos pela população sejam vendidos sem prescrição e sem orientação médica necessária. No entanto, mesmo na maioria dos países industrializados, muitos medicamentos de uso mais corriqueiro estão acessíveis em farmácias, drogarias ou supermercados e podem ser obtidos sem necessidade da prescrição médica para dispensação (ALVES; COELHO, 2021).

De acordo com Raminelli e Hahn (2019), pode-se considerar que a automedicação é uma prática nociva à saúde individual e coletiva. Onde, o uso impróprio de substâncias e até mesmo drogas consideradas "banais" pela população, como os analgésicos, anti-inflamátorios, antibióticos pode ocasionar diversas consequências, como: dependência, sangramento digestivo, resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além do mais, o alívio momentâneo dos sintomas disfarça a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir (RAMINELLI; HAHN, 2019).

Atualmente, a venda e prescrição de medicamentos se tornou algo não só comum como necessário para a manutenção da vida humana. No entanto, a administração de medicamentos necessita de cuidados e atenções específicas, tendo sempre de levar em consideração o seu uso, a sua composição e os seus consequentes efeitos. A farmacologia de cada medicamento é única e pode apresentar interações com outros compostos, e até mesmo com o organismo a que foi administrado, causando assim efeitos indesejados, e em alguns casos consequências graves ao paciente (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018).

Nesse contexto, segundo Santos *et al*. (2016), a administração correta é fundamental para a validação do medicamento, não só a administração é fundamental como também é preciso ter a relação correta entre o medicamento, as necessidades do paciente com as suas limitações. Assim, todo o processo de prescrição de um medicamento deve levar em conta todosos aspectos que o envolvem.

O uso irresponsável e inadequado de medicamentos sem que haja qualquer supervisão ou mesmo orientação de um profissional capacitado é algo indiscriminado e ocorre em diversas culturas e por inúmeras pessoas. Situaçãoque descarta os possíveis riscos de intoxicações, colocando em perigo a saúde do paciente, tornando o que era a solução em um problema ainda maior (SANTOS *et al*., 2016).

Aleitamento materno

Segundo Peres *et al*., (2021) o Aleitamento Materno (AM) não se caracteriza apenas emuma prática de nutrição da criança, mais do que isso, envolve processos que estreitam o vínculo entre mãe e filho e trazem benefícios significativos para ambos. Bem como, melhora a qualidade de vida das famílias, pois reduz a incidência de doenças e todas as suas implicações. No entanto, muitos são os determinantes que atuam no contexto da amamentação e que precisam ser ponderados e avaliados para se obter sucesso nessa prática, a saber: fatores biológicos, econômicos, sociais, culturais e psicológicos.

Nesta perspectiva Maciel e Ramos (2017) ressaltam que a alimentação exclusiva com leite materno logo após o nascimento é reconhecidamente a melhor forma de proteger o recém-nascido das enfermidades infecciosas, e por isso é recomendada pela Organização Mundial da Saúde até os seis meses de idade, passando a ser acompanhada com outros alimentos até os doisanos ou mais. Através do colostro e do leite humano, a mãe se torna a principal fonte de microorganismos importantes (imunidade passiva) para o estabelecimento da microbiota digestiva do recém-nascido, tanto no parto quanto na amamentação. O colostro humano é definido como o primeiro produto da secreção láctea da lactante até o sétimo dia de pós-parto e de extrema importância para a hidratação do bebê.

Considerando-se os múltiplos fatores que estão relacionados à pratica do AM para que esta seja adequada e naturalmente desenvolvida, é necessário orientação e apoio à lactante e aosfamiliares, tarefa esta de grande importância e de competência dos serviços de saúde e de todacomunidade, no sentido de incentivar e facilitar o AM (SILVEIRA *et al*., 2020).

Torna-se importante, então, identificar e entender todos os fatores que, eventualmente, possam interferir negativamente nesta prática e contribuir para o desmame precoce. Dentre os vários fatores que se relacionam negativamente com o AM, encontra-se o uso de medicamentos pela lactante, os quais podem ser incompatíveis ou interferir na alimentação do bebê, reduzindo a produção de leite ou, pior, levando ao desmame. Este último ocorre, pois, em razão do desconhecimento de características farmacológicas, bioquímicas e das diversas etapas do metabolismo dos fármacos no organismo humano, os medicamentos podem ser erroneamente rotulados como contraindicados durante o AM e,

devido à indicação precipitada e equivocada de desmame, causar enormes prejuízos à criança e à mãe (SILVEIRA *et al*., 2020).

Uso de medicamentos pela lactante e tempo de aleitamento Materno – desmame precoce

É evidenciado que o uso de medicamentos de forma errônea causa prejuízos ao AM. Intoxicações causadas pela ingestão de substâncias inadequadas é considerada um dos principais motivos do abandono precoce à amamentação. Se tornando extremamente necessária a intervenção terapêutica para que a fonte de toxicidade materna seja reduzida ou mesmo interrompida, podendo ser a partir da suspensão do medicamento utilizado ou substituição (VICTORA *et al.,* 2016).

Dal Pizzol (2019) aborda que, na prática, durante o tempo em que a mulher amamenta é frequente o uso de medicamentos. Nesta perspectiva, estudos internacionais indicam que os medicamentos antidepressivos, inibidores seletivos da recaptação da serotonina estão entre os dez fármacos mais utilizados no período da amamentação. E que os sintomas característicos da depressão estão entre os principais motivos que desencadeiam ao uso de medicamentos neste período. Diante disso, a decisão pelo uso seguro dos medicamentos deve considerar diversos fatores: como via de administração, dose e intervalo entre doses administrada; propriedades especificas do fármaco; e aspectos relacionados a amamentação, como idade da criança, constância das mamadas, assim como o tempo entre a tomada do medicamento e a mamada.

Maciel e Ramos (2017), abordam que é frequente o uso de medicamentos entre as lactantes após o parto, devido à necessidade de tratamento para combater infecções, depressão, e diversas as outras enfermidades que requerem medicamentos de uso contínuo. Nessa conjuntura, existem muitas informações e referências na literatura sobre a associação de drogas e AM. E infelizmente, nesse contexto muitos profissionais de saúde, por motivos diversos, recomendam a interrupção da amamentação em vez de se esforçarem para compatibilizá-la com a terapêutica da promoção da saúde entre mãe e filho.

Em geral, os profissionais de saúde que atuam prescrevendo medicamentos para lactantees devem se basear na relação risco/benefício e conhecer as categorias de risco das drogas, que vão desde as mais seguras até as contraindicadas. A amamentação somente deverá ser interrompida se existirem de fato evidências de que a droga usada pela lactante é nociva para o lactente, ou quando não houver informações a respeito, e a droga não puder ser substituída por outra que seja compatível com a amamentação (CHAVES *et al.*, 2017).

Portanto, existem riscos decorrentes entre uso de medicamentos pela lactante e o desmame o que reforçaa relevância da pesquisa sobre o tema. Além disso, face à dinâmica do conhecimento e do surgimento de novas drogas, as informações necessitam ser constantemente aprimoradas pelos profissionais de saúde, sendo imprescindível o conhecimento dos fatores que determinam o uso racional dos fármacos nesse período de forma a proporcionar maior segurança para assistência à mulher lactante (MARCIEL; RAMOS, 2017).

Silveira *et al*. (2020), destaca que os fatores que reduzem a capacidade da mãe de metabolizar ou excretar a droga podem aumentar a exposição do lactente. Sendo assim, é importante uma atenção especial a tomada de decisão ao se prescrever drogas para lactantees comdoenças hepáticas ou renais, pelos níveis mais elevados e pelo maior tempo da droga na circulação materna. Não obstante, é muito importante avaliar a via pela qual a droga é administrada à mãe, pois também tem uma relevância pelos níveis alcançados no plasma materno e, posteriormente, no leite materno. De tal modo, muitas drogas administradas na forma tópica ou inalada não atingem níveis séricos expressivos, possuindo níveis lácteos não mensuráveis.

Rodrigues *et al*. (2018), destaca que diante desse cenário, o direcionamento fundamental para a prescrição de medicamentos para mães lactantees fundamenta-se, especialmente, no binômio risco/benefício. Além disso, as decisões adotadas pelo profissional de saúde quanto aomanejo das mães lactantees em uso de medicamentos, devem avaliar e compreender os principais benefícios da amamentação, o impacto dos sintomas e da doença sobre a saúde materna e do lactente, além do desejo materno. Deste modo, é muito importante que a escolha dos medicamentos seja feita de

f o r m a cuidadosa e ponderada pelo profissional, permitindo que a amamentação continue sem interrupção e com segurança para a mãe e o filho.

Papel do farmacêutico na promoção do aleitamento materno exclusivo

Rodrigues *et al*., (2020), observa que a implementação das ações de promoção, proteção e apoio ao AM, e a adequada alimentação complementar depende de esforços coletivos intersectoriais, o que constitui um enorme desafio para o sistema de saúde, numa perspectiva de abordagem integral e humanizada. Além disso, é importante ressaltar, que o Farmacêutico é o membro da equipe de saúde mais acessível e a primeira fonte de assistência e aconselhamento em cuidados gerais de saúde aos usuários. Sua atuação na assistência e atenção aos pacientes pode contribuir para a adesão do processo de dispensação, fazendo com que o mesmo seja compreendido como ação essencial para a promoção da saúde e uso racional de medicamentos (RODRIGUES *et al*., 2020). É importante ressaltar que o farmacêutico atua diretamente na dispensação e/ou controle de medicamentos. Desse modo, ele deve estar atento ao esclarecimento de dúvidas para as lactantees, observar as possíveis interações medicamentosas, assim como os prováveis efeitos adversos das medicações prescritas (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018).

Em conjunto com uma equipe multiprofissional, composta de nutricionistas, psicólogos e educadores físicos, o Farmacêutico contribui para a melhor efetividade do tratamento, na dispensação e controle dos fármacos, na prevenção de reações adversas e na segurança e eficácia dos medicamentos para uso das mães. Garantindo a melhoria da qualidade de vida da lactantee, alertando-a para os riscos decorrentes da automedicação no período da lactação (ALVES; OLIVEIRA; RITO, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Hernandes *et al*. (2018), ressalta que a prática da automedicação pode ser considerada tão antiga como a própria história do homem. Aliado à isso, após a Segunda

Guerra Mundial, houve uma imensa evolução no arsenal terapêutico, o que trouxe benefícios e malefícios, pois promoveu o risco de interações medicamentosas, efeitos colaterais e intoxicações medicamentosas, além do abuso no consumo de medicamentos, mascaramento de doenças graves, e consequentemente o atraso no diagnóstico e tratamento adequados, bem como a consequente interferência na gestação e lactação.

Diante disso, a OMS recomenda que a automedicação seja evitada. É importante que o medicamento seja prescrito por um profissional adequado, que é capaz de receitar a dose exata, a forma de administração, pois conhece as contraindicações e interações medicamentosas, além dos efeitos adversos do fármaco a ser administrado. Entretanto, no Brasil, o não cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica, o baixo acesso à centros e postos de saúde e a carência de informação e instrução na população em geral justificam a preocupação com a automedicação, assim como a má qualidade na oferta de medicamentos (PERES *et al*., 2021).

No Brasil, de acordo com alguns estudos pelo menos 35% dos medicamentos adquiridos pela população são feitos através de automedicação, considerando a atual população brasileira, isso significa que cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas dessa prática. Além disso, as pesquisas concluíram que são as mulheres em idade fértil, as maiores utilizadoras de medicamentos sem receita médica. Nesse sentido, é importante ressaltar que as lactantees encontram-se exatamente nesta faixa etária de risco mais alto para a prática da automedicação (RODRIGUES *et al*., 2020). Aliado a isso, Marciel e Ramos (2017) enfatizam que existe uma maior probabilidade de uso de medicamentos com risco de efeitos adversos sobre o lactente ou lactação, quando usados por automedicação. O que acende o alerta para a necessidade de orientação sobre o uso e riscos dos medicamentos para a saúde da mulher e da criança e para a lactação.

Deste modo, é de extrema importância que as consultas no pré-natal ou de puericultura sejam consolidadas, pois trata-se de momentos primordiais para divulgar estar e outras informações. Pois cabe aos profissionais de saúde, educar a população, onde, estes profissionais que devem estar bem informados sobre a segurança dos medicamentos para uso durante a amamentação. Sendo assim, outro ponto seria a divulgação de informações científicas para as lactantees, acerca do uso e da segurança de medicamentos de venda livre.

Para tanto, as bulas dos medicamentos poderiam ser importantes instrumentos na orientação sobre o uso de medicamentos por automedicação durante a amamentação. Não obstante, um estudo que comparou as informações contidas em bulas sobre a segurança dos anti-inflamatórios não-esteroides para uso na lactação concluiu que as informações contidas nas bulas eram discordantes das evidências científicas a respeito da compatibilidade desses fármacos com a amamentação (RODRIGUES *et al*., 2018).

Diante de toda essa premissa acerca do uso de medicamentos durante o AM, o princípio fundamental na prescrição de medicamentos para mães lactantes baseia-se principalmente no conceito de risco e benefício, a mãe deve ser orientada a observar a criança com relação a possíveis alterações no padrão alimentar, hábitos de sono, agitação, tônus musculares e distúrbios gastrintestinais que podem estar relacionadas a reações adversas aos fármacos (RODRIGUES *et al*., 2018).

É importante considerar, que a dose relativa do lactente deve ser menor que 10% para que o fármaco seja considerado seguro. Quando esse valor supera 25%, considera-se que o risco é elevado para efeitos adversos em lactentes. No entanto, o método também possui limitações para aplicação prática, pois se baseia no princípio de que mãe e filho possuem mesma absorção, metabolização e excreção. Contudo, não existe um método confiável e eficaz para avaliar a taxa de transferência do fármaco. Outros fatores, portanto, devem ser considerados, como potencial tóxico do fármaco, dose, duração do tratamento, idade do lactente, volume de leite consumido, segurança do fármaco para o lactente, biodisponibilidade do fármaco tanto para mãe quanto para o lactente e risco de redução da lactogênese (CHAVES *et al.*, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, amamentação apesar de ser um simples ato é a forma de alimentação, troca de olhares, transferência de amor e cuidado entre mãe e bebê mais antiga que existe e cada vez mais valorizada pela ciência, pelos benefícios proporcionados a este binômio. Com frequência mulheres que amamentam fazem uso de medicamentos e outras substâncias, que podem ou não ter efeitos nocivos ao recém-nascido. O uso de medicamentos sem prescrição

pode trazer riscos à saúde materna e neonatal, bem como induzir o desmame precoce do AME devidos aos efeitosindesejáveis proporcionados pelos fármacos.

A automedicação é um problema de Saúde Pública mundial e sua prática entre gestantes pode gerar danos irreversíveis à saúde da genitora (lactante) e do bebê (lactente). Considerando que grande parte dalactação, as mães usam algum medicamento.

Além disso, é importante realizar campanhas e cursos para que os profissionais de saúde renovem seus conhecimentos sobre as relações entre lactação e medicamentos de uso comum, a fim de reduzir danos de administração inadvertida de medicamentos por meio leite humano, bem como diminuir as chances do desmame precoce da amamentação e tambéma automedicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, T. F.; COELHO, A. B. Mortalidade infantil e gênero no Brasil: uma investigaçãousando dados em painel. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 4, p. 1259-1264, 2021.

Disponível em: http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/mortalidade-infantil-e-genero-no-brasil-uma-investigacao-usando-dados-em-painel/17601?id=17601. Acesso em: 01abr. 2021.

ALVES, J. S.; OLIVEIRA, M. I. C.; RITO, R. V. V. F. Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo**. Ciência Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1077-1088, abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232018000401077&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 abr. 2021.

CHAVES, A. F. L. *et al.* Consumo de medicamentos durante a amamentação e avaliaçãodo risco ao lactente. **Revista Rene**, v. 18, n. 3, p. 390-395, 2017. Disponível

em: http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/20069/30719. Acesso em: 24 abr. 2021.

DAL PIZZOL, T. S. *et al.* . Uso de medicamentos antidepressivos na amamentação. **Caderno Saúde Pública**, v. 35, n. 2, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/WCTP7vwxNrYjWJRZqpDrLdM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 abr. 2021.

HERNANDES, T. A. *et al*. Características do uso de medicamentos durante a lactação. **Journal of Human Growth and Development**. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 113-119, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822018000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2021.

MACIEL, J. M. M. P; RAMOS, A. G. B. Uso de medicamentos durante a lactação: um fator para suspensão do aleitamento materno. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n. 2, p. 504 - 513, set. 2017. Disponíve em: file:///C:/Users/Ronivaldo/Downloads/274-1463-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.

PERES, J. F. *et al*. Qualidade da relação da gestante com as pessoas próximas e o aleitamento materno. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 2, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/yb4nHhHCnXvNgjnPFzSqzzg/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 abr. 2021.

RAMINELLI, M.; HAHN, S. R. Medicamentos na amamentação: quais as evidências? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 573-587, 2019. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/csc/a/JmQctFkJrPkbqfgYk9cP3CP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em:01 abr. 2021.

RODRIGUES, B. R. *et al*. Aleitamento materno na primeira hora de vida e a pretensão de amamentar por tempo prolongado. **Revista Educação em Saúde**, v. 7, n. 1, p. 1-9, 2018. Disponível em: http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/3755/2604.Acesso em: 01 abr. 2021.

RODRIGUES, C. M. *et al*. Amamentação exclusiva e seus fatores condicionantes no Valedo Jequitinhonha e Mucuri. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 11, p.
91906 - 91919, nov. 2020. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/20460/16699. Acesso em:13 abr. 2021

SANTOS, L. P. *et al*. Conhecimento, atitude e prática de puérperas adolescentes em relação ao aleitamento materno. **Adolescência & Saude**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-18, jan./mar., 2016. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20067/1/2016_art_lpsantos.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.

SILVEIRA, M. P. T. *et al*. Classificação de risco dos medicamentos usados na internação para o parto na amamentação: coorte de nascimentos de Pelotas/2015. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v. 23, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepid/a/gFM8BSmvpGGP9rpqPNPXYVf/?lang=pt#:~:text=Do%20total%20de%20medicamentos%2C%2049,65%25)%2C%20classificados%20como%20compat%C3%ADveis. Acesso em: 13 abr. 2021

VICTORA, C. G. *et al.* Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. **Epidemiologia Serviços Saúde. Brasília**, v. 2, n. 1, p.1–24, 2016. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf. Acesso